

Classe média volta à escola pública

DF - Educação

Para o ministro Paulo Renato, esta é uma das novidades mais importantes nesse fim de década

A crise financeira e a melhor qualidade do ensino público na pré-escola e nos cursos fundamental e médio estão levando a classe média a abandonar os colégios privados e atuar de forma decisiva na melhoria do ensino oferecido pelo Estado. "A volta da classe média às escolas públicas é uma das novidades mais importantes da educação nesse fim de década", acredita o ministro da Educação, Paulo Renato Souza.

Embora o Ministério da Educação (MEC) ainda não disponha de dados sobre esta recente migração, a cada ano aumentam as filas de pais ansiosos por garantir uma vaga na escola pública. No Distrito Federal, dobrou o número de alunos inscritos para disputar um lugar no 2º grau, entre 1995 (10.021) e 1996 (20.110). No ensino fundamental, só este ano, a demanda aumentou de 2% para 4,2%.

O ensino público no Distrito Federal foi considerado o melhor do país, em pesquisa do Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica (Saeb), de 1996. O secretário de Educação do Distrito Federal, Antônio Ibáñez, afirma que a pesquisa do Saeb também ajudou a derrubar preconceitos, mostrando que o aluno de uma boa escola pública tem desempenho igual ao da escola privada.

"Os pais de classe média que estão levando os filhos para escolas públicas pressionam por um ensino de boa qualidade e os resultados começam a aparecer", confirma a secretária de Avaliação e Informação do MEC, Maria Helena Castro.

O retorno da classe média às escolas públicas está aumentando de forma mais visível nos estados do Centro-Sul. Nas regiões Norte e Nordeste, o quadro mudou pouco até agora. "Ali, continua existindo um fosso muito grande entre as eli-

tes e o resto da população", afirma.

Na pré-escola, entre 70 e 94, o número de matrículas nas escolas privadas caiu de forma expressiva. Enquanto em 1970 as matrículas na rede pública chegavam a 59,2% e na escola particular a 40,8%, em 94, nas escolas públicas, elas chegaram a 72,1%. Já nos estabelecimentos privados, caíram quase à metade: 27,9%.

Situação semelhante ocorreu no nível médio. No ensino de 1ª a 8ª série, as estatísticas indicam uma queda nas matrículas de 13,6% para 11,6% nas escolas privadas, entre 1970 e 1994. O MEC ainda aguarda os dados finais do censo escolar, para divulgar os dados de 1996.

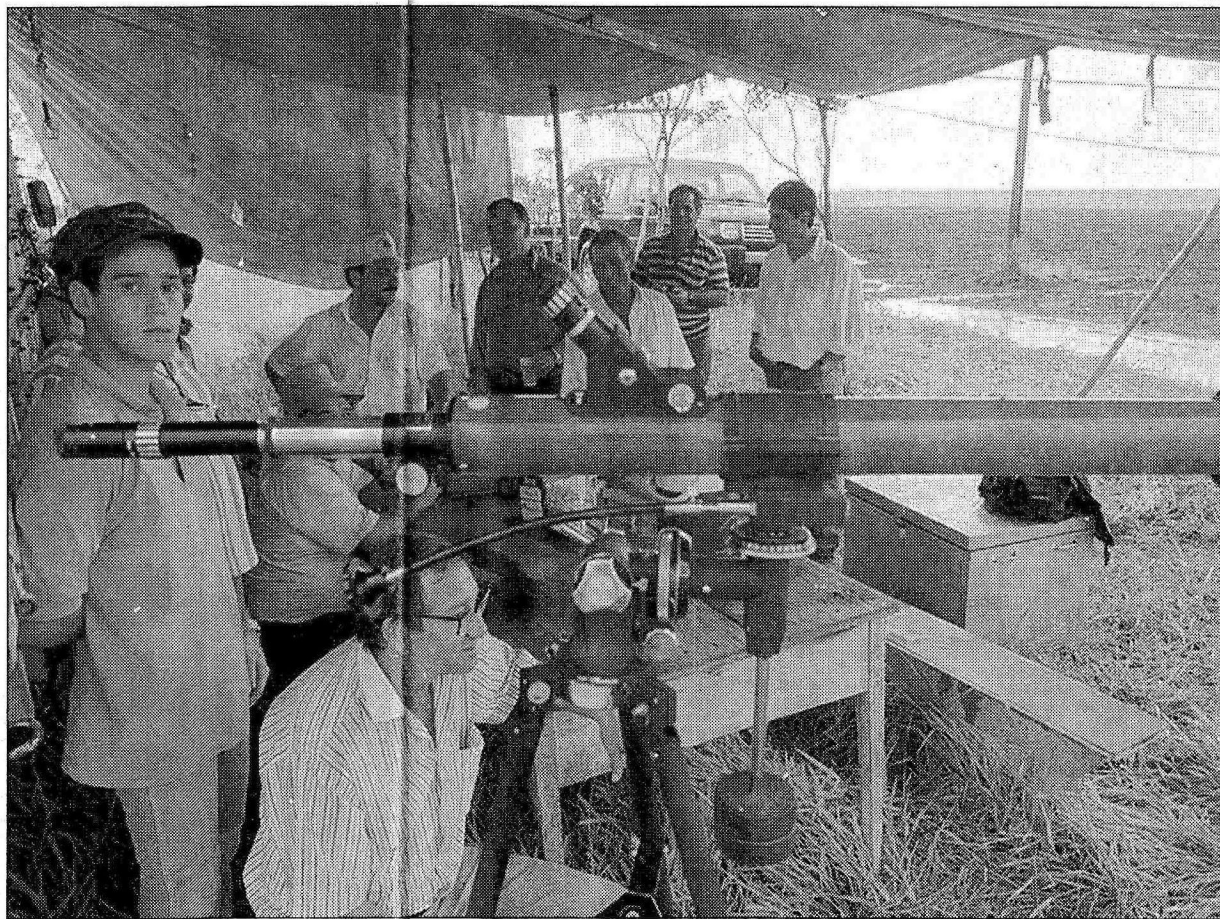
"Estamos vivendo uma época de mudanças. A partir do fim da década de 80, o Estado voltou a investir na qualidade do ensino, depois de um período marcado pela expansão da rede pública em todo o país", analisa a secretária Maria Helena.

A proliferação de escolas, nos anos 60, não fora seguida de investimentos na qualidade do ensino.

Com isso, a partir daquela década, a classe média passou a fugir da escola pública. "Apenas algumas escolas conseguiram permanecer como centros de excelência", afirmou a secretária, citando o Colégio Vicente Rao, de Campinas.

No Distrito Federal, a migração para a rede pública retrata a crise enfrentada pela grande massa de funcionários públicos, com salários congelados há dois anos. É o caso de Maíza Buslik, que desde o final de 96 tenta, sem sucesso, uma vaga para o filho em duas escolas públicas de nível médio, consideradas de excelente qualidade: a Setor Leste e a Setor Oeste. A funcionária está entre os 25% de pais que não conseguiram pagar as mensalidades de 96, e agora tentam negociar a dívida com as escolas particulares.

Os pais de classe média estão levando os filhos para o ensino público e pressionam por uma melhor qualidade



Funcionários dos fazendeiros instalaram postos de observação para acompanhar a movimentação dos sem-terra

Justiça intima sem-terra a deixar área no Pontal

Presidente Prudente - Os líderes do acampamento dos sem-terra, montados nas margens da rodovia que liga Presidente Venceslau a Marabá Paulista, no Pontal do Paranapanã, foram intimados ontem pela Justiça a cumprir mandado concedido pelo juiz Carlos Eduardo Fantacine, do Fórum de Presidente Venceslau, que impõe multa diária de R\$ 500,00 por pessoa que invadir a área. "É mais uma forma de proteger a propriedade", disse o presidente da União Democrática Ruralista (UDR),

Roosevelt Roque dos Santos, na região do Pontal, que juntamente com o proprietário da São João, Joaquim Abegão Guimaro entrou com pedido na Justiça.

Os sem-terra acampados na rodovia haviam invadido no início da semana a Fazenda Santo Antônio, nas proximidades da Fazenda São João. Cumprindo ordem de reintegração de posse, deixaram a área para se instalar na quinta-feira na beira da estrada, na porteira da Fazenda São João.

"Pretendemos acatar a ordem da Justiça também em relação a essa propriedade", afirmou José Luis Silva Santos, um dos coordenadores do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra (MST), e um dos líderes do acampamento. Ontem de manhã as lideranças se reuniram com as 90 famílias acampadas, para discutir que rumo o movimento tomará no local. Segundo Silva, está previsto que pelo menos mais 170 famílias cheguem para também ocupar a área.

Explosão de carreta mata dois em Bauru

Bauru - A carreta, placas BWP-1726, de Torrinha (SP), explodiu sexta-feira, por volta das 19 horas, quando recebia o serviço de solda em seu tanque numa oficina do parque Paulista, em Bauru. O soldador José Brás, de 27 anos, que executava o serviço, e o motorista Carlos Henrique Rodrigues Barbosa, de 29 anos, morreram instantaneamente e tiveram seus corpos mutilados e arremessados a grande distância com o impacto da explosão. Casas próximas à oficina tiveram vidros, paredes e talhas danificados. Segundo os moradores, a terra tremeu.

O corpo do soldador foi encontrado a 200 metros do local da explosão e só parou ali porque bateu numa pequena torre e caiu. Segundo testemunhas, no momento da explosão, foi grande o número de peças e objetos que subiram ao ar. Um funcionário da oficina, que estava próximo ao local na hora da explosão, disse que o tanque havia recebido banho de vapor por mais de uma hora antes do trabalho de solda começar.

A oficina funciona num bairro misto de estabelecimentos de prestação de serviços e residências. Os vizinhos passaram a noite contabilizando os prejuízos e ontem de manhã já começavam um movimento para encerrar as atividades da oficina de solda porque, segundo dizem, há pouco tempo já houve um risco de explosão no local, controlado pelo corpo de bombeiros. A polícia e a defesa civil estão realizando levantamentos na área para a adoção de medidas de segurança na área.

Enquanto isso, subia para três o número de mortos na explosão que destruiu a Cerâmica Batistella, em Limeira, na madrugada de sexta-feira. Roque da Silva Santos, de 40 anos, e José Timóteo da Silva, 28 anos, morreram ontem de manhã. Os dois eram funcionários da fábrica.